



Revista de Pesquisa em Artes Cênicas

manzuá

revista de pesquisa

FIRMAMENTUM

Renan Carlos Medeiros da Silva

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo :

As fotografias que compõe o ensaio *Firmamentum* foram realizadas durante a instalação dos alunos de Montagem e Composição Cênica, disciplina ministrada por Patrícia Leal no PPGARC/UFRN. Ela ocupou o espaço da Galeria Conviv'Art – NAC/UFRN no dia 2 de dezembro de 2019, semanas antes de eclodir a atual pandemia do vírus Covid-19. Participam os artistas Nick Oliver, Pamela Dutra, Aleff Emanuell e Clareana Graebner. Criadas em 2021, as colagens digitais usam mapas celestes centenários, busca por reorganização das constelações de corpos que os modos de existência na quarentena exigem.

Palavras-chave: fotografia performática; arte contemporânea; ensaio fotográfico; sensorialidade; Covid-19.

Abstract :

The photographs that make up the *Firmamentum* essay were taken during the installation of the students of Montage and Scenic Composition, a discipline taught by Patrícia Leal at PPGARC / UFRN. It occupied the space of Galeria Conviv'Art - NAC / UFRN on December 2, 2019, weeks before the current pandemic of the Covid-19 virus broke out. The artists Nick Oliver, Pamela Dutra, Aleff Emanuell and Clareana Graebner participate. Created in 2021, the digital collages of the essay use centenary celestial maps, seeking to reorganize the constellations of bodies that the quarantine modes of existence require.

Keywords: performance photography; contemporary art; photographic essay; sensoriality; Covid-19.

As fotografias que compõe o ensaio *Firmamentum* foram realizadas durante a instalação dos alunos de Montagem e Composição Cênica, disciplina ministrada por Patrícia Leal no PPGARC/UFRN. Ela ocorreu durante o VII Sentidos em Contemporaneidade, coordenado pela mesma professora. Convidado pelo meu colega de turma Nick Oliver para fotografar a ação entre os artistas, por volta das 14h foi ocupado o espaço da Galeria Conviv'Art – NAC/UFRN no dia 2 de dezembro de 2019, semanas antes de eclodir a atual pandemia do vírus Covid-19.

As práticas consistiam em uma combinação de linguagens artísticas que atravessaram o campo de uma instalação por meio da improvisação cênica: estabelecendo uma conexão sensorial com o espaço ao redor, é provocada a criação de presença no corpo vizinho, o outro constela você por meio dos sentidos. Me acolhi em um pedaço de chão para fotografar, porém, fui convocado pela professora a transitar como um performer flâneur entre os artistas, se desvalendo da função espectador do fotógrafo.

O fotógrafo está errante entre o conglomerado de artistas. Seu corpo em deslocamento está em performance. Os movimentos captados pelo ato fotográfico no presente da ação são um fragmento suspenso de tempo, onde a temporalidade se dá pelos contornos criados pelos corpos sobre a materialidade do espaço real. O caminhar errante no espaço é o próprio tempo, e esse farfalha a sua presença, lhe convoca por inteiro enquanto organismo a olhar pelos sentidos. Máquina-organismo-máquina. É o seu próprio corpo imantado por matérias visíveis ou não que definem o seu ato de registro da imagem, pois também atua sobre o outro e o espaço: a fotografia performática gera memória digital em sua câmera por meio das formas visíveis em relação a realidade invisível que o circunda. E nesta, há todo um cosmos de referências, imagens, tato e abertura do fotógrafo à errância.

Participam deste ensaio os artistas Nick Oliver, Pamela Dutra, Aleff Emanuell e Clareana Graebner. Esse conjunto de fotografias foi resgatado em 2021, e é apresentado nessa revista como uma narrativa imagética de colagens digitais criadas agora. Ele é composto por catorze imagens que formam quatro grupos de temas, cada um acompanha uma historietta fabulosa. As colagens se formam com mapas celestes centenários sobrepostos às fotografias: uma busca por uma reorganização das constelações de corpos que os modos de existência impostos na quarentena exigem. Se os céus pouco mudam com os séculos, e esse punhado de estrelas atravessa as terras arrasadas nos hemisférios, há de encontrarmos as chaves que giram a roda do mundo e nos darão de volta o abraço sem medo aos nossos que amamos.

Na formação do mundo, vapores condensados criaram uma película de ar que de forma maternal envolvia a rocha suspensa no espaço. A Terra é um ponto azul dando um pulo no vazio. Os seres que por ela caminham penetram esse ar, e ele em seus sangues. O oxigênio corre nas veias com minerais e gorduras que os sustentam em pé. É o resfolegadouro da vida. Cachoeiras vermelhas bombeiam os seus pequenos corações em suas inúteis guerras e nos poemas de amor. A Terra é essa constante germinação onde a vida sucumbe para existir. De repente, homens e mulheres respiraram o ar metálico da saudade, um dragão de eras nunca conhecidas cuspiu cinzas ocre tóxicas e eles pararam de olhar as estrelas. Criação dos homens, diziam alguns. É a intangível força da natureza, diziam outros. Os seres criaram películas que cobriam suas mucosas nasais, e tentavam com velocidade escapar do ar corrompido dessa forma de vida. Olhavam para seus pés, aterrados no chão, sobre a quem perguntavam pelo direito de respirar. Dedões e mindinhos se moviam com a musculatura na procura do mapa terrestre que os levassem as respostas. O revolver das placas tectônicas estavam em silêncio. Sem eco, os seres foram se curvando cada dia mais, tentavam escutar a terra em sua indizível e muda linguagem. Suas colunas formaram cordilheiras, caminhos tortos embalados em um amontoado de fósseis sozinhos.



Figura 1: "Vapores", performer: Nick Oliver. (Renan Carlos, 2021).



Figura 2: "Aterramento", performer: Clareana Graebner. (Renan Carlos, 2021).



Figura 3: "Cordilheira", performer: Pamela Dutra. (Renan Carlos, 2021).

Os seres que ali habitavam criaram conselhos e reuniões mundiais, reuniram seus maiores sábios, astrólogos e artistas de grande potência. Precisavam descobrir aonde as cinzas do dragão consumiam o espaço aerado dos alvéolos pulmonares. E ele se reinventava, enquanto nessa busca sem fim a decrepitude dos corpos se instalava sobre a Terra escondida sob suas asas. Os homens e mulheres que liam as estrelas contaram que em breve um cometa passaria pelo planeta. Eles são grandes pedaços de gelo e poeira cósmica que se arrastam no fundo vazio dos sistemas solares durante eras ainda não numeradas. Na astrologia, os cometas são mensageiros de um longínquo passado que em sua passagem deixam a marca de uma mensagem para aquela época. Ele só é visto a noite, perambula na escuridão como um viajante noturno que está com pressa de chegar em outro lugar que não aqui. Ele prevê um futuro que não chega e não olha para trás. Na primeira noite em que o cometa visitou a terra, fagulhas luminescentes da sua cauda de noiva caíram sobre a terra. As cartomantes se assentaram sobre os astros, e uma mulher chamada Dumetra reorganizava as constelações em seus incessantes ensaios sobre órbitas e gravitações que levassem para o espaço o grande dragão. Na segunda noite, os homens ouviam os astros distraídos. Faziam leitura das mãos do universo branco que escorria como caldos fumegantes em cálculos, mapas e travessias. Na terceira noite, procuraram não atravessar os mortos.



“Viajante Noturno”, performer: Clareana Graebner. (Renan Carlos, 2021)

Figura 4:



Figura 5: “A Mulher que Reorganiza Constelações”, performer: Pamela Dutra. (Renan Carlos, 2021).

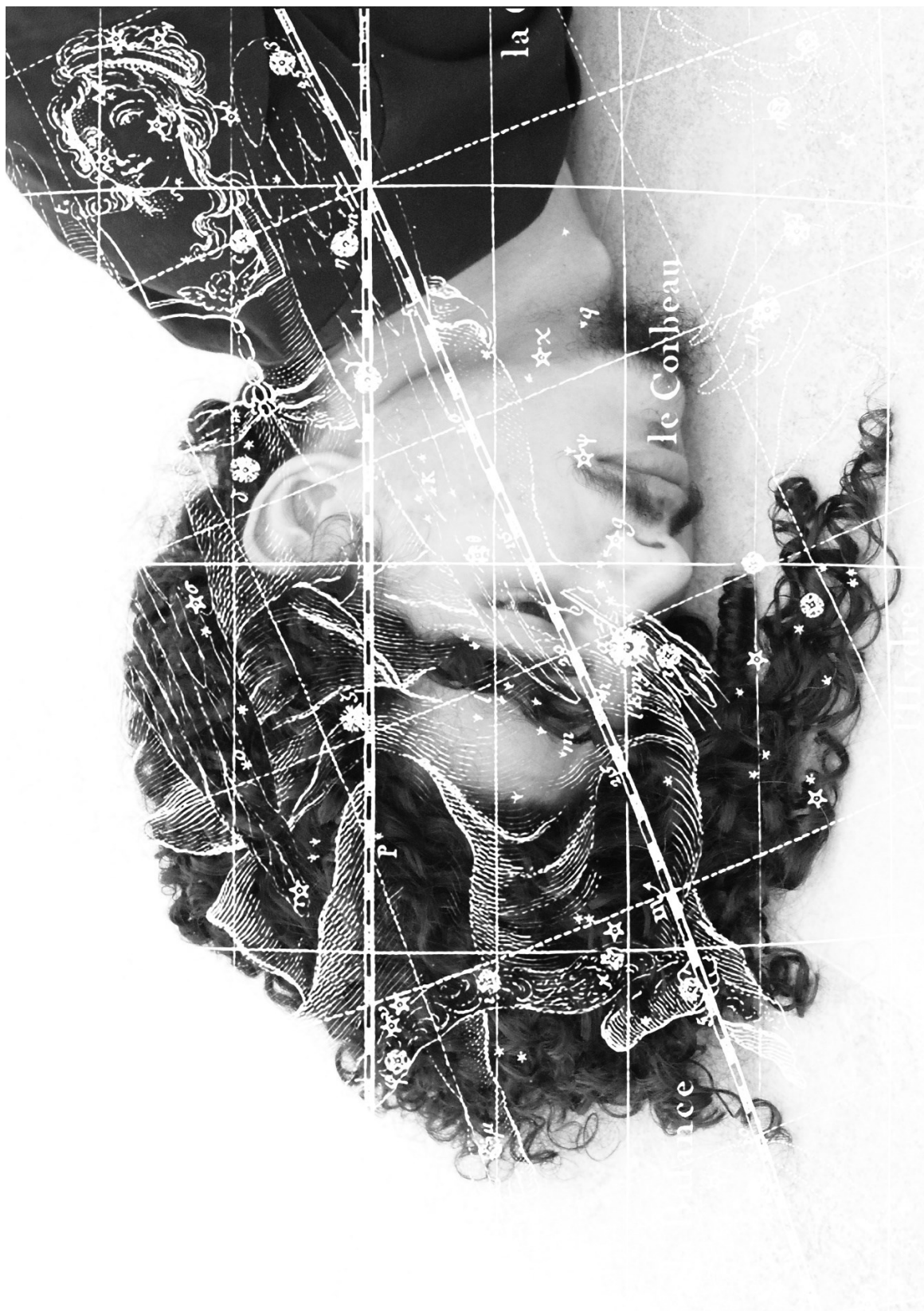


Figura 6: “Ouvindo os Astros Distraído”, performer: Aleff Emanuell. (Renan Carlos, 2021).



Figura 7: "Baba", performer: Pamela Dutra. (Renan Carlos, 2021).

Na quarta noite, o viajante havia desaparecido da abóbada celeste, e as novas convicções e tratados dos seres regurgitaram como baba cósmica da boca da mulher Dumetra, ele lhe marcou com sua mensagem para a época: o ar vulcânico interpelou o isolamento social, cada um cuidava de si e habitava masmorras tecnológicas por onde imagens que não adoeciam chegavam à casa do outro, escolas e conselhos científicos. Os seres conviviam agora por entre filamentos ópticos debaixo da terra. A mesma que tentaram escutar. Máquina-organismo-máquina. Desinfetavam as cinzas que se acumulavam sobre corpos e objetos. Pregavam falsas bulas em praças públicas. Abriam sulcos na terra, levando a luz para a sua discreta escuridão. Enterravam baús. Fugiam da praga metálica e asfixiante que enterrava os pulmões no solo. Aldeias mortas e amores em valas. O direito negado de respirar junto ao outro criou nas entranhas dos seres nebulosas nuvens negras onde guardavam raivas e rancores, cacos de vidro e totens arranhados pelas águas do Aqueronte. O dragão refez os seres descobrirem sozinhos partes de si que sempre estiveram lá e eles não sabiam. Temiam a peste e o dragão tanto quanto a si mesmos. Os povos evocaram os luminares em uma preciosa conjunção. Eclipse total.



Figura 8: "Shy Moon", performer: Clareana Graebner. (Renan Carlos, 2021).

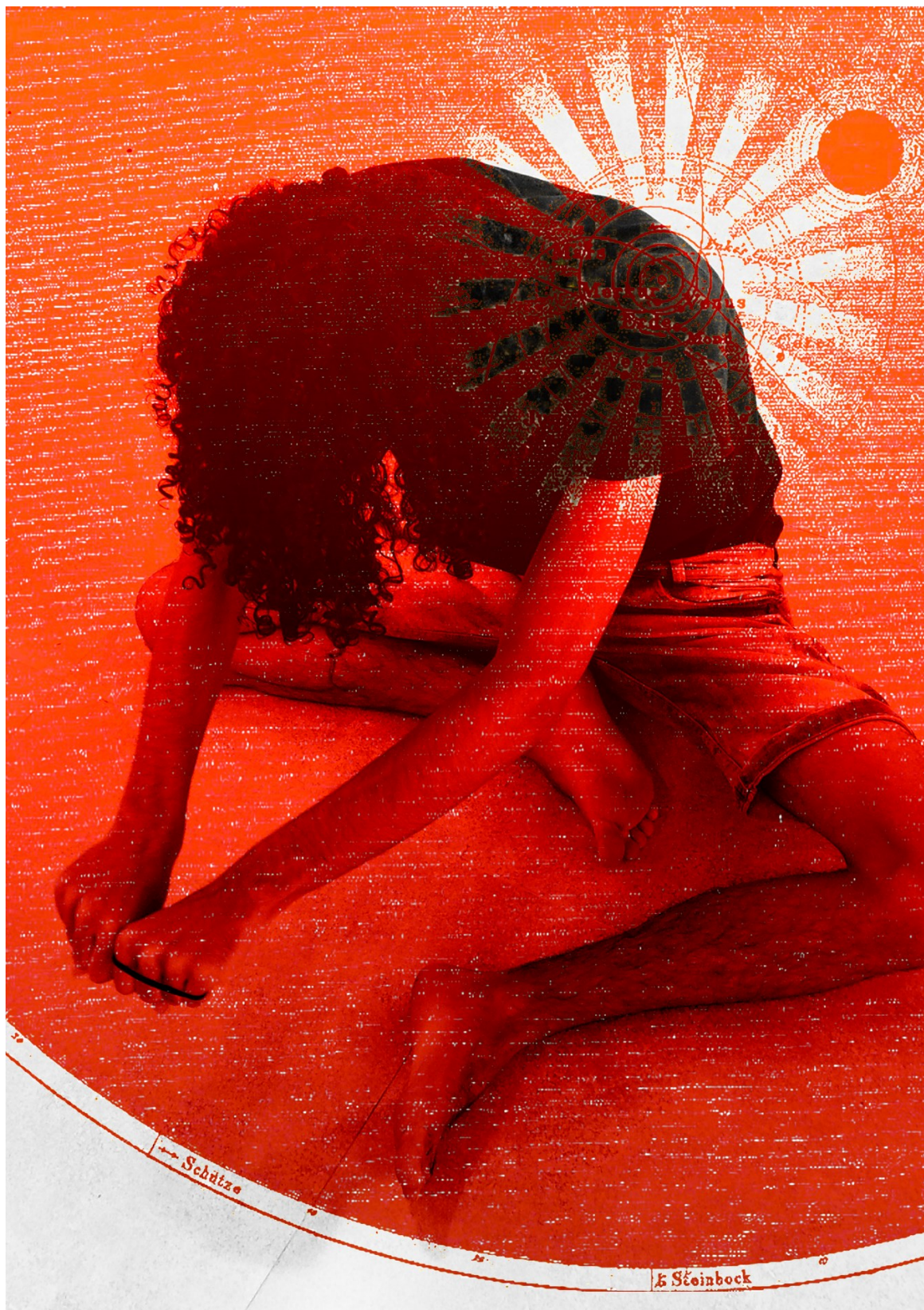


Figura 9: “Oriente”, performer: Aleff Emanuell. (Renan Carlos, 2021).

4 VEM VIVER OUTRA VEZ AO MEU LADO

A oração sibilante, outrora composta por um cantor dos trópicos em qualquer década perdida, ecoava entre dunas e mangues no país quente e desgraçado. Os luminaires foram ao encontro um do outro, e o dia e a noite se uniram pelos povos:

SHY MOON

Shy Moon

Hiding in the haze
I can see your white face
Hope you can hear my tune

Shy Moon

Why didn't you stop her?
Don't you know I suffer?
And you'll watch me cry soon

Shy Moon

Glow through the pollution
Find me a solution
I'll wait on the high dune



Shy Moon Caetano Veloso. **Shy Moon**. In: Velô. Polygram: 1984. 4:32.

A lua abraçou o sol com seu manto de névoa. Na sua dupla figura de duas mulheres, uma de costas para a outra, uma das faces escondida para sempre de nós sorriu para a estrela. Ela ensinou aos homens e mulheres a preservar os ciclos milenares que organizam as marés, produzem as colheitas, causam acidentes e escorrem sangues nas pernas. Seu milheiro de anos é dividido por 28 em 28 dias. E lhes deu a memória e as mães. O dragão urge. Revolta. Os ares e a terra impregnam suas escamas de terremotos e violência. Cheiro de montanhas de cristais e figurações opacas. Mergulho nos oceanos de água-amônia de Urano. O sol vestido com o manto da lua, ensinou aos seres que nunca se afastem do seu centro, andem sempre para o oriente. Para além da centelha, estrela. O sol lhes deu o espelho, para se encontrarem. E deu as flores para as lapelas. Por último, deu à luz para se cercarem de evidências. O clarão sobre a terra arrasada queimou o dragão, alado e feito de matéria escura, cintilou para o cosmos distante. Dumetra Pantra Tandas o aprisionou em uma constelação. Ela organiza as estrelas. Guardou um buquê de suas escamas, patuá de código genético para imunizar o mundo dos fulgores febris. Deu as coisas que espetam a pele as suas propriedades de antídoto do mal. Ainda hoje vemos o dragão, preso na constelação Draco sobre o céu gelado do polo celeste norte. Seu punhado de nebulosas não sabem quantas vezes o mito se repetiu e os seres daquele país lhe esqueceu.



Figura 10: "Draco", performer: Nick Oliver. (Renan Carlos, 2021).



Figura 11: "Draco II", performer: Nick Oliver. (Renan Carlos, 2021).



Figura 12: “Constelação”, performer: Nick Oliver. (Renan Carlos, 2021).

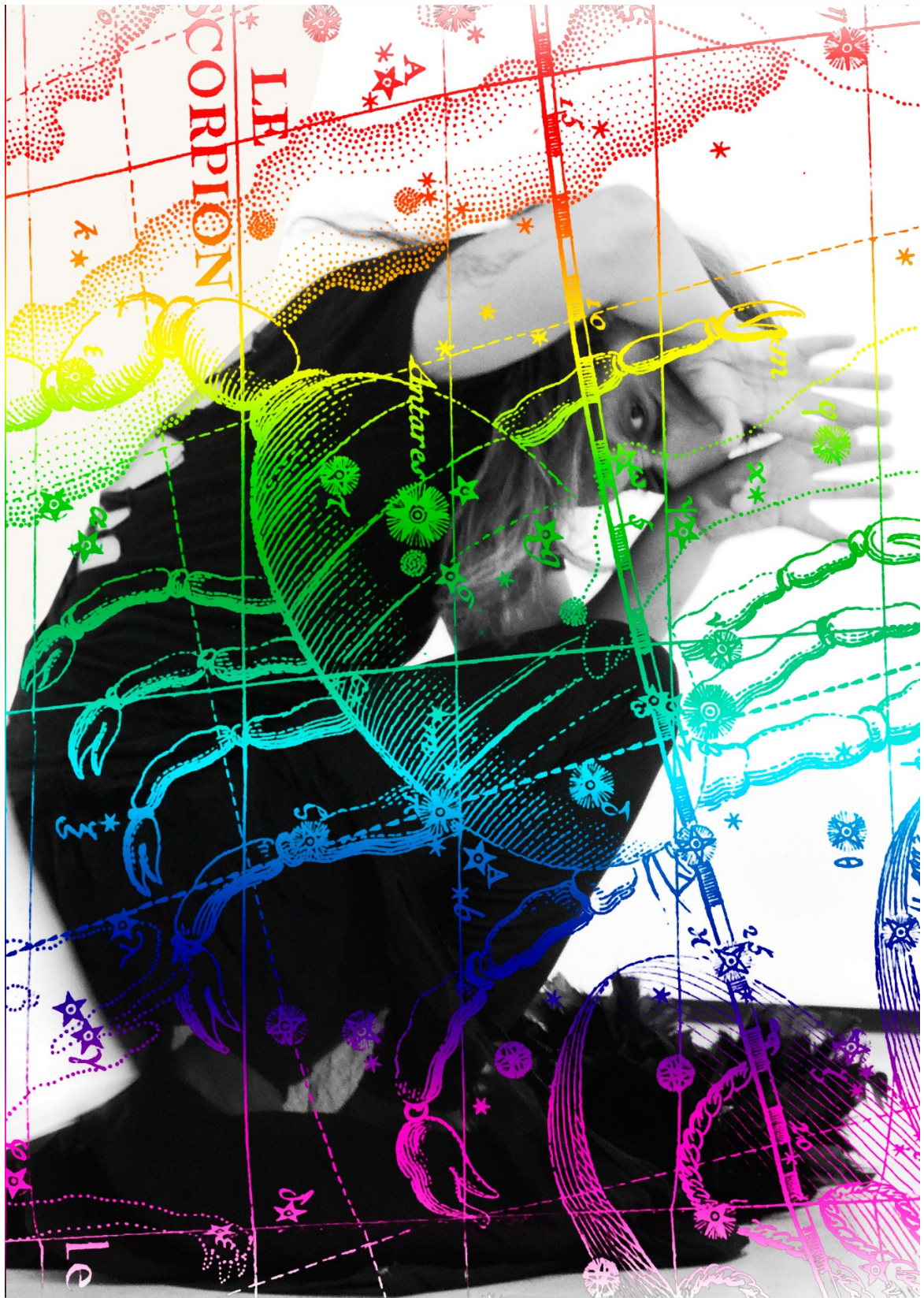


Figura 13: “Constelação II”, performer: Nick Oliver. (Renan Carlos, 2021).